**IMORTAIS DA ACADEMIA**

**EPISÓDIO 4 – UM RESPIRAR ÉPICO**

**01:00:17:14**

**ABERTURA**

**01:00:22:12**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,

Arte e ciência, pensamento e memória,

Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.

A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.

Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,

Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:02:21**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:26:22**

Quando a poesia é dita em voz alta, ela se abre. Se o poema fica isolado na página, ele fica coitado muito solitário. O leitor tem que acordá-lo. E às vezes o leitor tem que ser acordado também, o que é outro problema. Mas quando a gente fala o poema, o poema se abre. Voa pra dentro do leitor.

**01:02:11:09**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 04: Um respirar épico**

**01:02:18:18**

Figuras de homens ou insetos

Não sei se meros insetos ou tais figuras bizarras

Que é muita ambição agarra do lodo,

Talvez do lixo

Ou no zoo de aves raras,

Tipos inconcebidos, de dentes prolixos

Garras, ou aves do paraíso

Não sei o nome, o reclamo desses seres e visgos.

Insetos, aves ou bichos

Desassossegos humanos.

Zoo funesto, cativeiros de espécimes porejando

Cobiça e olhos matreiros,

Brasas de água queimando.

*A vida de um rio morto*

Carlos Nejar

**01:03:15:06**

**CARLOS NEJAR – Atual ocupante da Cadeira 4**

E esse livro é sobre o Rio Doce, que é um herói assim como se cantava os poetas épicos, os heróis romanos, gregos, como Homero na Ilíada ou na Odisseia no uso de dísticos, porque o poema todo é de dois em dois versos, como nos monumentos medievais.

Porque o barro invadiu tudo. O barro da corrupção, o barro da incompetência. Invadiu todas as instituições. O Rio Doce é o Brasil. É a metáfora do Brasil.

Há na minha poesia um respirar épico, porque a poesia brasileira em regra, salvo alguns poetas, porque tomam a poesia épica como uma coisa muito arcaica, mas a minha visão é de uma nova épica, uma épica contemporânea. Porque na época antiga o poeta se fixa no passado, no que fez determinado herói. Na época contemporânea, o poeta se alça para o presente e pro futuro. É a épica de futuro, que é um personagem meu da idade da Aurora, que é invenção do Brasil. E eu não sabia como continuar o livro. Um dia eu tive um sonho, eu vi a capa de um livro, e na capa do livro estava escrito “Futuro”. Aí nasceu meu personagem, Futuro, que é filho de Columba, o espírito, e de Brasílio, a criação do Brasil, o criador do Brasil. Então, as coisas na poesia não vem só da realidade. Elas precisam sub existir no sonho. A muita coisa de sonho na minha criação. Porque o que vem do sonho vem de antes. Não se sabe donde.

**01:05:41:20**

**OFF**

Depois de enterrar seus mortos — a febre maleva os ferroara — Futuro se põe a ordenar a ilha, ordenhá-la. Em círculos. Como fora a sua infância. Sob o sol, que o viu nascente e trabalhava. Quem ao tempo vem, nele achados rende. Antes, Futuro hospedou seus mortos na gleba do coração. Mais leve, planosa. Coisas como pedras seriam sopesadas e dispostas. E Futuro estava coberto de memória. Como o limo das árvores.

*A idade da Aurora* – Carlos Nejar

**01:06:34:26**

**REGINA ZIBERMAN – Escritora e Professora**

Se eu fosse definir a obra do Nejar, vamos dizer assim, para um público em geral, ou se eu fosse dar uma aula sobre Nejar, eu começaria chamando a atenção para a profunda dedicação dele à poesia, poesia lírica, e uma poesia em que estão presentes tanto uma poesia do eu. É lírica porque é do eu, porque fala dele, mas uma poesia social. Isso, vamos dizer assim, é um esforço enorme que ele fez, uma coisa muito bem elaborada, esse comprometimento com o social. Mesmo nos anos 60, depois nos anos 70, e isso, vamos dizer assim, personaliza a poesia dele. Talvez seja o traço que acompanha toda a sua obra. Há também um dado importante na poesia do Nejar, que eu acho que talvez não se examine tanto, mas eu enfatizaria, a poesia amorosa, a lírica amorosa. É uma poesia em que o amor, quer dizer, o amor dele pela mulher, o amor dele pela família, o amor dele pelo espaço, aparece com muita força. Terceiro lugar, ele tem um verso, vamos dizer assim, uma linguagem muito própria, muito viril. Não é masculinidade. Eu queria chamar atenção. É virilidade no sentido de força da expressão, daquilo que vem do fundo dele, e se expressa em linguagem verbal, em versos. Então, a sua poesia, a sua lírica, é uma lírica que emociona justamente por essa dedicação enorme à palavra poética.

**Carlos Nejar – Posse em 1989**

**01:08:07:12**

**CARLOS NEJAR – Atual ocupante da Cadeira 4**

Eu sou um poeta do pampa. Alguém me chamou até, o que eu acho exagerado, mas de Homero do Pampa. Mas a verdade é que eu sou pampa. Eu não preciso voltar ao pampa, não preciso morar no pampa, para o pampa me acompanhar. O Tolstoi que tem uma frase maravilhosa que diz ‘que para ser universal, eu tenho que cantar bem a minha aldeia’. Não é o fato só de cantar minha aldeia, mas eu quando canto as condições humanas, eu canto todos os homens. Quando eu falo do amor, da dor, da opressão, do julgo, eu estou falando de um sentimento de todas as gerações. Eu não canto eu, a mim. Eu canto aquilo que está em mim. Aquilo que é maior do que eu. A coisa que eu não consigo segurar.

**01:09:23:21**

**REGINA ZIBERMAN – Escritora e Professora**

O Nejar me parece um dos escritores mais representativos de algumas tendências da literatura do grande sul. Mesmo o que ele produziu fora do estado. Em primeiro lugar tu tem um falar, já estou falando tu, né? Tu tem um falar bem característico, o uso, por exemplo, da segunda pessoa do singular. O Moacir Scliar costumava dizer que todo escritor gaúcho quando começa a escrever um texto, ele tem que pensar, usar o tu ou você? Eu acho que isso já é uma marca de regionalidade. Não de regionalidade no mal sentido, mas de definição de vínculo, de uma produção literária com certo espaço e com uma certa cultura. Além disso, alguns temas são bem característicos da literatura do Rio Grande do Sul. Vamos supor, essa heroicidade, o tema rural, o tema da ocupação do campo, a estória. Talvez o aspecto mais marcante da trajetória da literatura do Rio Grande do Sul, é esse vinculação com o passado e com a recuperação da estória, da formação do estado, da ocupação do território, das correntes migratórias. Tudo isso dão alguma peculiaridade a literatura do Rio Grande do Sul.

**01:10:42:04**

**AUGUSTO FARIA FISCHER – Escritor e crítico literário**

Tem um motivo mais forte para essa ideia do épico ou a ideia da epopeia ter cabimento no Rio Grande do Sul, é o fato de que teve muita guerra aqui. No Rio Grande do Sul, se a gente fizer uma conta na ponta do lápis, de 1750 até a 2ª Guerra Mundial, ou seja, durante 200 anos todas as gerações tiveram alguma guerra. E uma guerra aqui pertinho, não era uma guerra longe. Então, o épico é meio assim o tom para fazer os elogios desses heróis. Enfim, heróis ou anti heróis, aí dá para escolher o ponto de vista. Alcides Maia jovem, como crítico literário, antes dele ter se notabilizado nacionalmente, ele escreve dizendo isso. O Rio Grande do Sul tem uma matriz épica e isso nos diferencia do resto do Brasil. E por isso que o resto do Brasil não nos vê como parte do Brasil ou como uma parte um pouco estranha. Nos vê como uma parte um pouco estranha. E aí o jovem Alcides Maia ataca a inteligência sediada no Rio de Janeiro, que talvez nem tenha ouvido os gritos dele, porque ele gritou aqui em Porto Alegre, bem longe, né? Mas enfim, ele dizia isso, ‘A história do Brasil é uma grande ação entre amigos. Os caras ficam falando das coisas que aconteceram do Centro e do Norte, e do Nordeste, e não falam daqui. Mas nós é que nos mantivemos brasileiros, e tal, fazendo guerra de fronteira.’ Isso é um sentimento muito vivo aqui, né?

**ALCIDES MAIA – Posse em 1914**

**01:12:11:23**

**OFF**

O regionalismo típico dos pampas

Teve sua entrada na ABL com Alcides Maya,

O célebre autor de “Ruínas vivas”.

**01:12:24:10**

**LUIS AUGUSTO FARIA FISCHER – Escritor e crítico literário**

Ele é o primeiro gaúcho, que vivia aqui no Rio Grande do Sul, a ser eleito para a Academia. E ele foi eleito por causa de um estudo que ele fez sobre Machado de Assis. Isso é uma coisa notável. Ele é o primeiro cara a escrever uma monografia sobre Machado de Assis. É um livro lá de 1912 ou coisa assim, chama “Machado de Assis – Algumas notas sobre o humor”. Não escrevia nem “humor” ainda, escrevia a palavra em inglês. E é isso, pega um tema, o humor e tenta examinar isso em vários momentos da obra do Machado. E aí então isso é visto como uma coisa realmente nova. E o novo digamos é que Alcides Maia sistematiza isso, ele pega um tópico no Machado e menciona isso em vários casos, em alguns contos, alguns romances e tal, especialmente no Brás Cubas. E o Alcides Maia, não se sabe bem porque, porque ele, embora tivesse militância na imprensa, não era tipicamente um crítico, resolve fazer esse estudo. Melhor suposição é que ele tenha feito isso justamente para entrar na Academia, para mostrar como ele conhecia.

**01:13:38:19**

VINHETA – Estamos apresentando

Imortais da Academia

**01:13:57:01**

VINHETA – Voltamos apresentar

Imortais da Academia

**01:14:11:20**

**CARLOS NEJAR – Atual ocupante da Cadeira 4**

Eu sempre li muito, desde menino. Meu pai, comerciante, não era um homem muito culto, mas ele amava cultura, como todo levantino, que tem uma tradição secular. Então, ele me encheu de livros a biblioteca. E eu fui descobrindo Machado, Alencar, Shakespeare. Havia alguns autores que, coisas desses autores eu não entendia. Mas é curioso que na medida que a gente lê, as coisas é que nos vão entendendo. Assim foi comigo. Cervantes, Dante Alighieri, Camões, Drummond, João Cabral, que era meu amigo, o Drummond também era. Jorge de Lima, Murilo Mendes. Então, Manoel Bandeira, Cecília Meireles que é sempre admirável. Também o autor de Uraguai, que é da minha cadeira, Basílio da Gama, é um autor de alta modernidade, usando versos brancos quando o verso era de sextilhas, o verso camoniano

**BASÍLIO DA GAMA – Patrono da Cadeira 04**

**01:15:44:20**

**OFF**

A admiração por Basílio da Gama

É caso antigo na história da cadeira quatro.

Vem desde a fundação, quando foi nomeado patrono

Por Aluísio Azevedo.

**01:15:57:26**

**REGINA ZIBERMAN – Escritora e Professora**

Eu acho muito interessante o fato de que a cadeira do Nejar esteja associada ao Basílio da Gama. Eu acho que não podia ser melhor isso. Primeiro porque me parece que o Basílio da Gama realmente faz uma poesia épica, e uma poesia em que estão presentes elementos que a gente vai encontrar na obra do Nejar, que é essa vinculação entre o homem e a terra. Ainda que seja um poema, Uraguai seja um poema de celebração da conquista portuguesa das Missões, os grandes heróis são dois indígenas Cacambo e Sepé. E o Sepé é uma figura forte inclusive na cultura do Rio Grande do Sul e na poesia do Nejar é inspiradora, vamos dizer assim, desses gaúchos heroicos de origem popular que vão em busca de justiça e de igualdade.

**01:16:42:06**

**OFF**

“Musa, honremos o herói que o povo rude

Subjugou do Uraguai, e no seu sangue

Dos decretos reais lavou a afronta.

Ai tanto custas, ambição de império!”

*Uraguai -* Basílio da Gama

**01:17:01:10**

**REGINA ZIBERMAN – Escritora e Professora**

Ainda que o Basílio seja um mineiro, ele escreveu um livro que se passa no Rio Grande do Sul, e que é o livro fundador, o livro fundador da literatura do Rio Grande do Sul, na medida que ele conta justamente como se deu a formação do estado. Em que medida essa região aqui, essa província ou esse espaço, e que depois veio se chamar o continente, o Continente de São Pedro, e assim por diante, se integra ao mundo brasileiro. Então é um livro fundamental e ele vai estar presente, esse tema, vai estar presente no Nejar, vai estar presente no Moacir Scliar, vai estar presente no Érico Veríssimo. É muito forte esse movimento de integração do estado. Há, vamos dizer assim, a unidade nacional brasileira e o fato que isso se dá durante a Guerra das Missões. Não há outro evento tão importante na história do Rio Grande do Sul até o século 19, até a Revolução Farroupilha, digamos assim, quanto a conquista dos portugueses das Missões, a integração dessa região até o Rio da Prata, a colônia portuguesa na América.

**01:18:06:18**

**LUIS AUGUSTO FARIA FISCHER – Escritor e crítico literário**

Ele foi estudante jesuíta, e não foi um estudante qualquer, ele chegou ir para a Itália até, com os jesuítas, ou seja, um cara que teve uma experiência rara para aquela geração. O cara conseguiu estudar num centro cultural mundial como era Roma. Enfim, quando os jesuítas são expulsos, o Basílio da Gama já não estava mais ligado aos jesuítas, mas ele, em certo momento ele é detido, acusado de jesuitismo, ou seja, de ter alguma relação ainda com os jesuítas. Estando na cadeia ele fica sabendo do casamento de uma filha do Pombal. E aí ele pragmaticamente escreve um poema em homenagem a esse casamento e tal, e consta que por causa disso o Pombal se agrada muito dele e dá a ela uma sinecura, dá a ele uma posição, enfim, um salariozinho. E em função disso que ele arquiteta então a escrever o Uraguai. Então tem um motivo pragmático aí de, afinal ele agora é um aliado do Marquês de Pombal, que era o todo poderoso, o gestor de Portugal naquele momento. É um poema de feição épica, enfim, portanto, de fazer um elogio de uma ação heroica, tem lá o poema e tal, e de repente tem uma nota de pé de página que diz assim ‘Esse índio realmente existiu e tal’. O que já é uma coisa rara, quer dizer, como assim um poema épico. Imagina Camões escrevendo Os Luzíadas e botando esse aqui de fato era o nome do marinheiro. Então aí um tem aspecto inesperado que é isso, é o Basílio da Gama em última análise escreve um poema épico para fazer uma reportagem. E por aí ele faz um poema que realmente interessa, quer dizer, ele consegue ver a vida interessante de pessoas relevantes para além da ideologia que ele estava defendendo naquele momento.

**01:19:44:04**

**OFF**

Cadeira devotada aos pampas,

Desde “Uraguai”, Alcides Maya, Vianna Moog, até Carlos Nejar,

A poltrona quatro quase acolheu outro notável gaúcho.

Mas Mário Quintana, por três vezes candidato, nunca foi eleito.

**01:20:06:10**

**REGINA ZIBERMAN – Escritora e Professora**

O Mário Quintana poderia estar realmente na Academia com a maior tranquilidade. Seria muito bom pra ele, seria muito bom para a Academia. Mas também não é o único escritor que ficou de fora da Academia. O Érico Veríssimo, por exemplo, nunca foi da Academia. Não quis ou não lembraram, e assim outros estão na lista pra chegar na Academia, outros escritores do Rio Grande do Sul. Então, foi um prejuízo, mas isso não afetou em nada a obra dele. A obra dele continua sendo produzida, ele continua com extrema popularidade. Então, foi pena. Mas ele, não pode ser conhecido de forma nenhuma, como aquele escritor que não entrou na Academia ou que poderia ter entrado. Ele tem que ser conhecido pela qualidade de sua obra que é bastante diversificada, realmente ele tem uma grande simpatia entre adultos e crianças, homens e mulheres, todo mundo gosta muito do Quintana, e ele faz uma coisa que me parece fundamental, ele faz as pessoas perderem o pudor ou perderem o constrangimento diante da poesia.

**01:21:02:24**

**CARLOS NEJAR – Atual ocupante da Cadeira 4**

A verdade é a seguinte, o Mario fez, fazia propaganda dele para o público, não para os acadêmicos, e quem vota aqui são os acadêmicos. Ele falava para arquibancada, não para a casa de Machado. E um dia, o dia da eleição ele, o quê que ele fez? Ele deu uma, lá em Porto Alegre, uma entrevista para O Globo falando mal da Academia. Ora, o candidato que o enfrentou era jornalista, pegou a entrevista e espalhou entre os acadêmicos. Os acadêmicos ficaram todos assustados. Então, esse lado contraditório encobriu, também uma injustiça, porque ele merecia sim pela obra dele. A um lado de sombra no poema que às vezes é mais luminoso do que o lado aparentemente legível. O poema se esconde nas metáforas. Mas, também se esconde no silêncio. Nós temos que descobrir o poema na medida que ele também nos descobre. Nós temos que aprender a ser lido, não apenas ler. Em regra, nós lemos. Mas aquele poema que nos toca é aquele que nos lê, aquele que não se esquece mais, porque entra no processo de memória. As coisas todas tendem para o esquecimento, mas a poesia tende a memória.

**01:23:04:20**

**VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 04

Patrono – Basílio da Gama

Fundador – Aluísio Azevedo

Alcides Maya

Vianna Moog

Atual – Carlos Nejar